

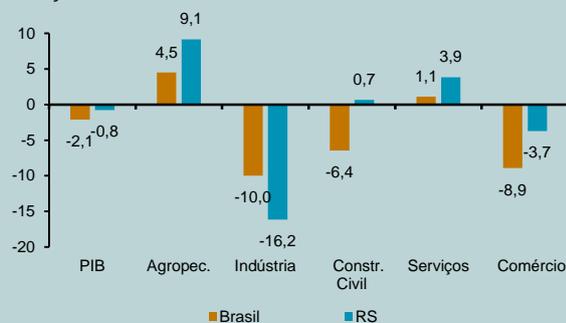
Estrutura produtiva e desempenho recente da economia gaúcha

Tabela 1 – Participação das atividades no VAB: 2010-2014

	%	
	Brasil	RS
Agropecuária	5,0	8,5
Agricultura	3,2	5,9
Pecuária	1,3	2,1
Prod. florestal, pesca e aquicultura	0,5	0,5
Indústria	25,8	25,9
Indústrias extrativas	4,0	0,2
Indústrias de transformação	13,1	18,3
SIUP	2,4	1,9
Construção	6,3	5,4
Serviços	69,1	65,6
Comércio e repar. de veículos	13,2	14,8
Transporte, armazenagem e correios	4,5	4,1
Alojamento e alimentação	2,3	1,7
Informação e comunicação	3,6	2,7
Atividades financeiras e de seguros	6,4	4,7
Atividades imobiliárias	8,8	9,0
Ativ. Profissionais e complementares	7,8	6,9
APU	16,2	14,1
Educação e saúde privadas	3,4	4,6
Artes, cultura, esporte e outros serviços	1,8	1,8
Serviços domésticos	1,2	1,3

Fonte: IBGE

Gráfico 1 – Evolução do PIB e do VAB: 2012-2016
Variação % acumulada



Fonte: FEE e IBGE

Este boxe analisa a estrutura produtiva da economia gaúcha, sua evolução no quinquênio 2012-2016 e perspectivas para 2017. Análises semelhantes foram realizadas nos Boletins Regionais de julho de 2011, abril de 2013 e janeiro de 2015.

A estrutura produtiva do estado *vis-à-vis* a nacional revela a maior importância da agropecuária e da indústria de transformação na composição do Valor Adicionado Bruto (VAB), com participações médias de 8,5% e 18,3% no estado e de 5,0% e 13,1% no país¹. De outra parte, a indústria extrativa e o setor de serviços são mais relevantes na composição do VAB nacional. Tais características ajudam a compreender as diferentes trajetórias dos produtos nacional e estadual no período analisado, que se caracterizou pela perda de dinamismo da atividade econômica.

O Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul – que correspondeu a 6,2% do nacional em 2014, segundo dados das Contas Regionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – contraiu 0,8% de 2012 e 2016, ante retração de 2,1% em âmbito nacional, segundo a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE) e o IBGE, respectivamente. A discrepância repercutiu, em parte, a evolução relativamente mais favorável da construção civil e do comércio e, sobretudo, da agropecuária e do setor de serviços, notadamente em 2013, quando o PIB estadual avançou 8,5%, ante 3,0% no país.

Considerando período mais recente, o PIB gaúcho registrou estabilidade no primeiro trimestre de 2017, na comparação com igual período do ano anterior, enquanto o agregado nacional contraiu 0,4%. O resultado mais favorável em âmbito estadual repercutiu, em especial, o desempenho da indústria de transformação, que cresceu 0,7% no estado e retraiu 1,0% no país.

1/ Média para o período 2010-2014, conforme Contas Regionais do IBGE.

A agropecuária constitui segmento relevante para o desempenho da cadeia produtiva do estado, especialmente no âmbito das indústrias de alimentos, de máquinas e equipamentos, de óleos combustíveis e de adubos e fertilizantes. Exerce, adicionalmente, impactos importantes sobre as exportações e sobre a demanda dos segmentos comercial e de prestação de serviços. As participações médias da agricultura, da pecuária e da produção florestal, pesca e aquicultura no VAB do setor primário gaúcho atingiram, na ordem, 69,0%, 25,0% e 6,0%, no quinquênio em análise, segundo as Contas Regionais do IBGE.

Nesse período, o estado ampliou a produção de grãos em 7,8%, com destaque para o aumento de 39,2% na colheita de soja, que passou a responder por 50,8% dos grãos produzidos na região. A crescente representatividade dessa cultura deu-se pela ocupação de áreas anteriormente destinadas a outros cultivos, sobretudo ao milho 1ª safra, cuja área plantada recuou 32,6% na comparação de 2016 com 2011.

Tabela 2 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas ^{2/}							
									Variação %
		2012	2013	2014	2015	2016	2017	2016/2015	2017/2016
Grãos	75,7	19 110	30 316	28 799	31 821	31 911	36 419	0,3	14,1
Soja	47,2	5 945	12 757	13 042	15 700	16 206	18 575	3,2	14,6
Arroz	18,5	7 692	8 099	8 242	8 679	7 493	8 613	-13,7	14,9
Milho	6,6	3 155	5 420	5 390	5 564	4 730	6 039	-15,0	27,7
Trigo	2,1	1 866	3 351	1 671	1 392	2 542	2 193	82,6	-13,7
Feijão	0,7	86	95	111	95	88	114	-7,7	29,5
Outras lavouras									
Fumo	8,9	397	431	413	415	325	417	-21,7	28,3
Mandioca	3,3	1 191	1 166	1 181	1 155	1 108	1 070	-4,1	-3,4
Uva	2,4	840	808	813	876	414	910	-52,8	119,8
Maçã	1,7	621	643	690	599	485	585	-19,0	20,6

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2015.

2/ Estimativa segundo o LSPA de junho de 2017.

Soja, arroz, fumo e milho são as principais culturas no estado, respondendo por 81,2% do Valor Bruto da Produção (VBP), segundo dados da Produção Agrícola Municipal (PAM) de 2015 do IBGE. Note-se que o trigo, muito embora tenha participação pequena no valor da produção agrícola do estado, responde por parcela significativa da produção nacional (37,8% em 2016).

A agricultura do estado registra safra recorde em 2017, favorecida por condições climáticas

favoráveis e pelo aumento da produtividade decorrente da adoção de novas tecnologias, conforme a Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS). A previsão de aumento anual de 14,1% é impulsionada, em grande parte, pelo desempenho das colheitas de soja, milho, arroz e feijão. A safra de 2017 deverá representar 15,2% da nacional (17,3% em 2016), de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de junho, divulgado pelo IBGE.

As perspectivas para o financiamento da agricultura são positivas, de acordo com o Plano Safra Gaúcho 2017/2018, que prevê disponibilização de R\$3,2 bilhões pelo sistema financeiro estadual (Banco do Estado do Rio Grande do Sul S.A. – Banrisul, BADESUL Desenvolvimento – Agência de Fomento/RS – Badesul e do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul – BRDE) para custeio, comercialização e investimentos.

Os abates de bovinos, aves e suínos em estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF) variaram -4,7%, -0,3% e 2,2%, na ordem, de 2012 a 2016, segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As retrações refletiram, em especial, o desaquecimento da demanda externa devido à crise internacional e a imposição de restrições sanitárias às importações de carnes pela União Europeia. Nos cinco primeiros meses de 2017, os abates mencionados decresceram 9,0%, 7,1% e 5,6%, respectivamente, em relação a igual intervalo de 2016. No mesmo período, as respectivas quantidades exportadas decresceram 19,9%, 2,0% e 8,8%, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Ainda no âmbito da oferta, a indústria gaúcha apresentou mudanças na composição do Valor da Transformação Industrial (VTI) no período recente, segundo a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE. Esse processo repercutiu as diferentes intensidades de contração da atividade ocorridas a partir do final de 2013, com ampliação do peso das atividades fabricação de alimentos, especialmente de carnes, e derivados de petróleo e biocombustíveis, e retração dos segmentos mais impactados pela crise, como veículos e máquinas e equipamentos. Após crescer 7,6% em 2013, a produção da indústria gaúcha acumulou queda de 15,3% em 2014 e 2015, com

Tabela 3 – Indicadores da pecuária – RS

Maio de 2017

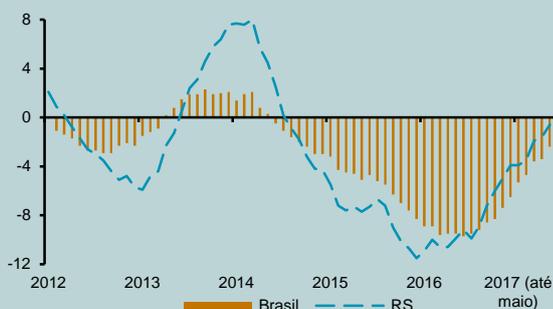
Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações Volume (kg)	Preços (R\$)
Abates ^{1/}			
Bovinos	-9,0	-19,9	-6,5
Suínos	-5,6	-8,8	5,5
Aves	-7,1	-2,0	-2,7

Fonte: Emater/RS, FGV, Mapa e MDIC

1/ Número de animais (Mapa).

Gráfico 2 – Produção industrial

Variação % em doze meses



Fonte: IBGE

retrações mais modestas nas atividades alimentos (1,8%) e refino de petróleo (4,8%), e mais intensas nas indústrias de veículos (36,2%) e de máquinas e equipamentos (30,0%).

A produção industrial do estado recuou 3,9% em 2016, ante retração de 6,1% no país. Dados mais recentes mostram que a indústria gaúcha mostrou maior dinamismo que a nacional, evoluindo 1,9% nos cinco primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo do ano anterior (0,5% no Brasil). Destaque para a retomada da produção da indústria de veículos automotores.

Entre 2012 e 2014, o volume de serviços no estado assinalou crescimento real em patamar inferior à média nacional, de acordo com os dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE. Nos dois anos seguintes, impactado pela retração na produção industrial e pela redução do emprego e da massa de rendimentos, os serviços de transportes e os prestados às famílias recuaram, condicionando a piora do resultado estadual. Em 2017, até maio, o setor ainda não sinaliza retomada da atividade, não obstante a melhora relativa nos resultados do volume de serviços prestados às empresas e de transportes.

O comércio gaúcho, considerado o quinquênio encerrado em 2016, apresentou desempenho semelhante ao do país, com maior dinamismo das vendas de material de construção no Rio Grande do Sul e de automóveis e equipamentos de informática e comunicação, no Brasil, segundo a PMC do IBGE. Dados para o acumulado do ano até maio de 2017 apontam para a retomada das vendas do comércio e, em especial, de veículos.

O comércio externo gaúcho apresentou, no quinquênio analisado, retrações anuais médias de 3,1% nas exportações, de 11,9% nas importações e de 6,6% na corrente de comércio. Destacaram-se as retrações nos embarques de soja – principal produto da pauta de exportação –, fumo, couros e polímeros de etileno, e nas aquisições de naftas, petróleo em bruto e veículos de carga.

Ressalte-se, que o comércio externo do estado está condicionado, em especial, ao dinamismo do agronegócio², que tem garantido saldos positivos

Gráfico 3 – Serviços não financeiros
Variação % acumulada no ano



Fonte: IBGE

Tabela 4 – Volume de vendas do comércio

Discriminação	Variação %			
	2012-2016 ^{1/}		2017 ^{2/}	
	Brasil	RS	Brasil	RS
Comércio ampliado	-1,7	-1,9	-0,6	7,4
Veículos, motos, partes e peças	-7,0	-9,1	-6,2	11,5
Material de construção	-1,1	3,5	4,2	-0,7
Comércio varejista	0,7	0,6	-0,8	2,8
Combustíveis e lubrificantes	-0,1	-1,4	-4,3	8,8
Hiper,super, prods. alimen. beb.	1,1	1,1	-0,9	-0,3
Tecidos, vestuário e calçados	-2,9	-2,8	6,0	21,4
Móveis e eletrodomésticos	-2,3	-1,0	4,6	5,8
Artigos farmac. méd. ortop., perfum.	6,0	4,3	-1,6	-1,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-5,7	-4,7	-4,3	-18,9
Equip. e mat. escrit., inform. e comunic.	-0,6	-5,9	-4,6	7,8
Outros artigos de uso pessoal e dom.	3,0	1,8	-2,0	4,5

Fonte: IBGE

1/ Variação anual média.

2/ Variação no acumulado do ano até maio.

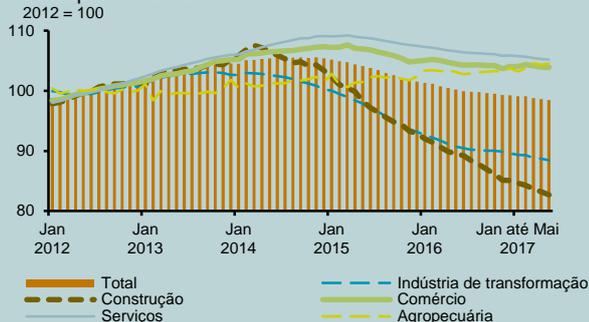
2/ A definição de agronegócio engloba operações de produção e distribuição de suprimentos agrícolas, de produção nas unidades agrícolas, armazenamento, processamento e distribuição dos produtos agrícolas e bens produzidos a partir deles.

Gráfico 4 – Saldos da balança comercial - RS



Gráfico 5 – Nível de emprego formal – RS

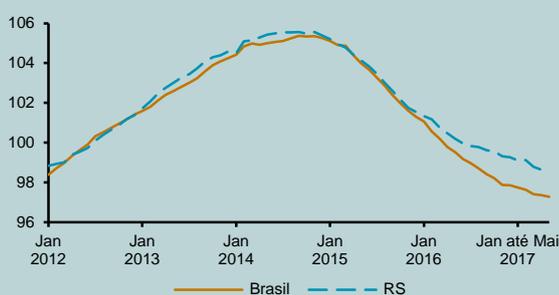
Principais setores



Fonte: Caged (Ministério do Trabalho)

Gráfico 6 – Nível de emprego formal – Brasil e RS ^{1/}

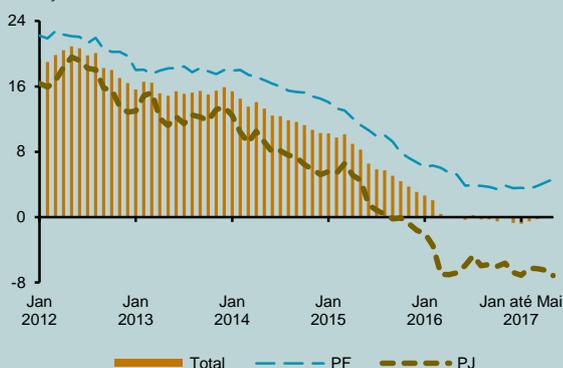
2012=100



Fonte: Caged (Ministério do Trabalho)
^{1/} Série com ajuste sazonal.

Gráfico 7 – Operações de crédito – RS

Variação % em 12 meses



na balança comercial nos últimos anos. As exportações do setor compuseram, em média, 66% das vendas externas e 21,0% das importações no período de 2012 a 2017. Os principais produtos do agronegócio são soja, carnes, produtos florestais, fumo, couros e cereais.

Em 2017, a corrente de comércio externo do Rio Grande do Sul totalizou US\$12,7 bilhões no primeiro semestre, com as exportações atingindo US\$8,3 bilhões e as importações, US\$4,4 bilhões (variações respectivas de 11,7%, 7,8% e 20%). Além do agronegócio, as exportações estaduais foram impulsionadas pelas vendas de automóveis, acima da média nacional, principalmente para Argentina, Chile e Uruguai. Note-se que essa expansão tem contribuído para a redução dos estoques e recuperação da produção no segmento de veículos.

O mercado de trabalho do estado apresentou geração intensa de vagas de 2012 a 2014, ano em que registrou os níveis de emprego mais elevados desde o início da série (1997), de acordo com o Caged/MTb. Destaque, no triênio, para a criação de 106,6 mil postos no setor de serviços e de 52,6 mil no comércio, segmentos cuja participação na composição do emprego formal no estado aumentou, no período. No biênio seguinte, em cenário de retração da atividade econômica, o mercado de trabalho gaúcho passou a registrar corte de vagas formais, em especial na indústria de transformação (82 mil) e na construção civil (30,3 mil). Ressalte-se que o recuo mais acentuado, em termos relativos, ocorreu na construção civil, que após registrar o nível de emprego mais elevado da série no final de 2013, passou a repercutir o desaquecimento no mercado imobiliário e o final das obras da Copa do Mundo.

O emprego formal tem mostrado desempenho mais favorável em 2017, com criação de vagas nos primeiros cinco meses do ano (8,6 mil, ante -5,1 mil até maio de 2016). A reação da indústria de transformação (14,9 mil novas vagas) tem determinado o resultado positivo, e os demais setores vêm apresentando menor intensidade na eliminação de vagas, na comparação com o ano anterior. Nesse período, o nível de emprego formal recuou 1,9% no Rio Grande do Sul e 2,7% no país.

No mercado de crédito, o saldo das operações superiores a R\$1 mil contratadas no estado refletiu

Tabela 5 – Operações de crédito – RS
Maio de 2017

Discriminação	Peso ^{1/}	Saldo	Var. % no ano
		R\$ bilhões	
Total	100,0	197,0	-0,6
Pessoas físicas	62,8	123,8	2,2
Financ.habitacional	19,4	39,2	2,2
Financ.rural	11,5	23,6	4,0
Empr.consignados	9,2	18,7	5,6
Pessoas jurídicas	37,2	73,2	-5,0
Ind. de transformação	14,1	27,7	-4,3
Comércio	9,2	17,5	-8,2
Transportes	2,9	5,4	-8,3

1/ Refere-se à média dos estoques no ano.

Tabela 6 – Dívida líquida e necessidades de financiamento ^{1/}

Discriminação	Fluxos acumulados em 12 meses			Dívida ^{2/}
	R\$ milhões			
	Primário	Juros	Nominal ^{3/}	
2012	-576	5 533	4 957	50 213
2013	-2 317	5 284	2 967	52 948
2014	-975	5 007	4 032	58 075
2015	-511	8 138	7 627	68 912
2016	430	7 155	7 585	76 545
2017 (até maio)	485	5 173	5 658	78 578

1/ Inclui inform. dos governos estaduais e de seus principais municípios.

Dados preliminares.

2/ A dívida líquida no momento t+1 é a dívida no momento t, mais o resultado nominal e o resultado de outros fluxos.

3/ O resultado nominal é a soma dos juros com o resultado primário.

o desempenho da economia, com o estoque mensal elevando-se até o início de 2015 e mantendo-se relativamente estável a partir de então, em cenário de crescimento do crédito no segmento de pessoas físicas e recuo no de pessoas jurídicas.

No segmento de pessoas físicas ³ - responsável por mais de 50% do estoque de operações desde meados de 2009 – observou-se elevação expressiva no estoque de crédito até o início de 2015 e posterior desaceleração das taxas de crescimento, em linha com os processos de distensão no mercado de trabalho e elevação das taxas de juros. Destacaram-se, principalmente, os menores aumentos nos financiamentos imobiliários e no crédito consignado, e o recuo nos financiamentos de veículos.

O desempenho das operações de crédito no segmento de pessoas jurídicas, em especial a partir do segundo semestre de 2015, repercutiu a retração da atividade econômica, de modo geral, e a interrupção de projetos do polo naval, em particular. Destacaram-se as reduções nos empréstimos às atividades geração, transmissão e distribuição de eletricidade e gás; refino de petróleo, coque e álcool e transporte rodoviário de carga. A trajetória desfavorável dos empréstimos às empresas persiste nos primeiros meses de 2017, particularmente no âmbito das atividades transporte e comércio.

Os indicadores fiscais evidenciaram crescente deterioração das contas públicas no quinquênio até 2016, expressa em elevação de 53,0% do *déficit* nominal. A piora observada no resultado primário decorreu, em parte, da retração na arrecadação tributária, em especial do ICMS, responsável por cerca de 55% das receitas do estado. A elevação dos juros, apropriados por competência, foi condicionada, sobretudo em 2015 e 2016, pela aceleração do IGP-DI, principal indexador do endividamento estadual. A desaceleração desse índice contribuiu para a redução do *déficit* nominal em doze meses até maio de 2017.

A dívida líquida do estado aumentou de R\$50,2 bilhões, em dezembro de 2012, para R\$78,6 bilhões, em maio de 2017, equivalente a 123,8% da Receita Corrente Líquida. A participação da dívida do estado

3/ Estão incluídas no segmento de pessoas físicas os financiamentos rurais. O estado representa cerca de 13,6% dessas operações.

no endividamento regional aumentou 11,9 p.p., para 74,3%, no período.

Em linhas gerais, a economia gaúcha apresentou momentos distintos no decorrer do quinquênio analisado, experimentando resultado positivo elevado em 2013 e retrações nos demais anos, com impactos setoriais de diferentes magnitudes, mais intensos na indústria e no comércio. O desempenho do PIB do estado no quinquênio foi menos desfavorável do que no país, evolução associada, em especial, ao desempenho do setor primário, importante vetor de dinamização da economia gaúcha, que detém maior participação na estrutura produtiva do estado.

Prospectivamente, a recuperação da atividade econômica no estado deverá ocorrer de forma moderada nos próximos trimestres, compatível com a reação gradual dos indicadores do mercado de trabalho e de crédito. Setorialmente, a agricultura e o setor externo tendem a contribuir para essa trajetória de modo mais representativo.